

Myriam Szejer

Psiquiatra infantil e psicanalista, trabalho há cerca de trinta anos em maternidade com pais e bebês. Ser psicanalista na maternidade é estar com mães, com pais, escutar os bebês, e desde a vida fetal, considerá-los todos como seres de palavra, inscritos numa história. É constatar, no cotidiano, que a vida psíquica não começa no nascimento, que os atos, que os acontecimentos deixam, por vezes, traços desde a vida uterina e fazem eco em uma história em construção. É estar convencido que o sintoma do recém-nascido pode ser uma demanda de colocar em palavras aquilo que ele sentiu antes do nascimento. É também, após trinta anos de observação em um grande hospital, sentir a urgência de uma reflexão sobre nossas práticas e suas possíveis consequências para o desenvolvimento de nossas crianças, e através delas de nossa sociedade, ou mesmo, de nossa humanidade. Ousar colocar a questão: não poderíamos avançar de forma diferente?

Escutar os bebês não é de forma alguma uma especialidade. Recebo no meu consultório pessoas de todas as idades. Ser psicanalista é escutar os humanos em geral, adaptando a técnica. Terei oportunidade de explicar como eu trabalho com os pequeninos, aqueles que ainda não sabem falar. O recém-nascido é sensível à linguagem e às suas imprevisibilidades. Ele se exprime, percebe, aprende. Acima de tudo, está submetido aos efeitos da linguagem que lhe escapa, àquela do inconsciente, de seus pais,

Se os bebês falassem

da sociedade. Mas de uma coisa não tenho dúvida: no começo da vida, o bebê é também um mamífero, cujos comportamentos devem ser considerados como aqueles dos outros animais. Não poderia existir animalidade pura nesse bebê que se encontra desde sua concepção em toda uma rede significativa; ele irá turvar sem cessar as pistas por sintomas que afetarão, um após o outro, o apetite, o sono, a pele... Suas necessidades serão sempre consideradas em sua relação com sua mãe, frequentemente, ligadas de maneira indissociável à demanda de amor que os une. Qual é, então, a parte mamífera do recém-nascido, e a parte humana, único a estar desde o início na linguagem? O diálogo com a etologia está inscrito na minha prática, e este livro se deve tanto à minha experiência de psicanalista em maternidade, quanto às minhas conversas com Boris Cyrulnik.

Mais uma vez, sinto-me próxima de Françoise Dolto que sempre esteve certa de que a ciência viria confirmar as intuições dos psicanalistas. A originalidade do pensamento de Boris Cyrulnik se deve aos laços que ele tece com facilidade entre etologia animal, etologia humana e psicanálise. Etólogo, psiquiatra e psicanalista, ele considera que a etologia está condenada a confirmar ou refutar as hipóteses formuladas pela psicanálise, a lhe trazer precisões experimentais. Os resultados atuais em neuro-imagem permitem, por exemplo, observar como uma psicoterapia leva um paciente a operar seu cérebro de forma diferente, e como esse uso modifica no final sua anatomia cerebral. Se ele conduz suas experiências, por vezes, no mundo animal, em outras no meio humano, o etólogo é formado para ver a criança como um mamífero, um ser no mundo dos vivos, que certamente goza de um estatuto especial, o de viver em um mundo de representações verbais. Ele observa o ser vivo, animal ou humano, e tenta responder a este questionamento: o que é o outro? Como ter acesso a seu mundo mental?

Myriam Szejer

*O recém-nascido é sensível
à linguagem e às suas
imprevisibilidades. Ele se
exprime, percebe, aprende.
Acima de tudo, está submetido
aos efeitos da linguagem que lhe
escapa, àquela do inconsciente,
de seus pais, da sociedade*

Se os bebês falassem

Alguns pensaram durante muito tempo que os animais eram máquinas, assim como outros pensaram que os bebês eram seres talâmicos, submetidos aos seus reflexos. Durante meus estudos de medicina, aprendi que, uma vez que não falavam, os bebês não entendiam nada, não sentiam nada e que podíamos agir com eles sem qualquer precaução. Os maus-tratos sempre estavam presentes, eles ainda eram submetidos a cirurgias, por exemplo, sem anestesia. Era também ensinado que o bebê sorria no décimo quarto dia, precisamente. Os sorrisos que as mães constataavam bem antes dessa data, simplesmente, não eram reais... O sorriso é complexo, tem numerosas origens, algumas biológicas, outras não. O bebê secreta um polipeptídeo que o faz sorrir. Quando sua mãe está feliz e fala com ele, o bebê acaba associando esse som a esse momento, e com o prazer que isso lhe suscita. Para seduzir sua mãe, ele repete essa experiência. É assim que a linguagem, a relação, se instaura. A rigidez ideológica com a qual era interdito às mulheres de ver aí um sinal que lhe era endereçado faz ainda estragos nas maternidades. Quando as mães são persuadidas que seu bebê “sorri para os anjos”, elas não lhe respondem, e não protegem essa relação incipiente, fundamental.

Ao mesmo tempo, as mães tornaram-se cada vez mais angustiadas por seus humores e pela influência deles sobre seu filho. Esse movimento é especialmente extremista, ele responde a uma posição inversa, igualmente exagerada e não tão antiga. Ainda por volta de 1970, a ideia de que os sintomas de um bebê estavam relacionados com a depressão de sua mãe provocava somente sorrisos maliciosos. Atualmente, que um bebê se desenvolva bem enquanto sua mãe sofre, tornou-se inacreditável. É muito difícil fazer com que mulheres um pouco fragilizadas, entendam que outras pessoas possam amenizar essa falha. À metáfora com conotação racista, herdada dos anos 1950, de que um bom grão se desenvolverá bem qualquer que seja o estado da

Myriam Szejer

mãe, sucedeu-se um outro absurdo: se a mãe está mal, o bebê está perdido. Devemos definitivamente romper com essa causalidade falsa e culpabilizadora.

Se decidi escrever este livro, é devido a uma grande perplexidade, para não dizer, de uma verdadeira preocupação. Diante da explosão da violência cada vez maior dos jovens, e cada vez mais jovens, um discurso se manifesta retomado no mundo dos profissionais da infância bem como nos políticos: a avaliação precoce daqueles que não hesitamos mais em nomear de “bebês delinquentes”, a avaliação e a normalização das crianças o mais cedo possível, para conter, pensamos, essa agressividade da qual não se entende nada. A condição da situação ainda não estaria completa se ficassemos em silêncio sobre um sofrimento crescente dos adolescentes que, muitas vezes, voltam a violência contra si mesmos ou se envolvem em atitudes suicidas, das mulheres que vivem mal o acompanhamento médico de sua gravidez e de seu parto, assim como a solidão que as acompanha, da sociedade como um todo, para acabar, cada vez mais sob psicotrópicos.

Estou todos os dias ao lado dessas crianças que farão nossa sociedade de amanhã. Responder ao seu sofrimento ou àquele de seu entorno é uma prioridade para mim. No entanto, eu rejeito a resposta repressiva, aos meus olhos perigosa e, além disso, fadada ao fracasso. E estou convencida de que uma real prevenção é possível, realista e urgente. É preciso aceitar mudar nosso olhar do sintoma para sua origem, de interrogarmos sobre a maneira que nós esperamos e acolhemos as crianças na nossa sociedade. Como nasce a humanidade? Como nascemos para a humanidade? Quando uma sociedade se reduz a nomear como “selvagens” uma parte de seus jovens que tornou-se totalmente

Se os bebês falassem

estranha a ela, já é hora dela se interessar por essas questões. Psicanalista, sei que existe um laço, jamais direto e linear, entre o vivido na primeira infância, desde a vida fetal, e a sensibilidade ao longo de toda a vida. Um laço mais complexo, menos fácil de definir, e menos ainda de proclamar como um slogan, entre o que acontece nos primórdios da vida, inclusive no período pré-natal e na constituição psíquica da criança, do adolescente e do adulto. Sei também que nunca podemos prever aquilo uma criança se tornará, e recuso com firmeza essa terrível causalidade que parecemos querer nos impor, de acordo com a qual uma criança que começou mal é um futuro delinquente. Penso que a única coisa que podemos prever, é que nós seremos surpreendidos! Que uma criança em dificuldade, até mesmo traumatizada, pode retomar seu desenvolvimento, às vezes mesmo “resiliar” seu contrato com o passado infeliz, mas graças a seu entorno, não ao rótulo e à repressão. Se é verdade que os homens vivem em um mundo de palavras, eles podem agir sobre as situações que eles fabricam. Temos os meios para acolher diferentemente nossos pequenos e de preparar, assim, um outro futuro. Eis porque decidi publicar este texto, como um apelo à atenção, e por que não, ao respeito.